

A IMORALIDADE DOS DESENCONTROS E A ETICIDADE DOS COMPROMISSOS COMUNITÁRIOS

Inácio Strieder*

Introdução

A eticidade não se confunde com os hábitos e os costumes de um povo. A eticidade se avalia a partir de uma postura de vida, que se manifesta no interrelacionamento dos homens entre si. Tal postura, no entanto, somente terá características éticas se existirem alguns pressupostos. É preciso que sejam dadas as condições mínimas para uma vida realmente humana. Definir quais são estas condições mínimas depende de uma antropologia, de uma antropovisão. Isto é, de uma caracterização teórica do homem, de seu valor, de seu sentido e de seus objetivos de vida; da compreensão que se possui do outro homem.

Por natureza o homem nem é bom, nem é mau; nem basta definí-lo como ser racional ou irracional; como ser social ou associal. O homem é um projeto que cria, no decorrer de sua história, determinadas condições pelas quais se manifesta como ser ético, racional, político; ou, ao contrário, como ser não-ético, irracional, fechado em si. Por

* Inácio Strieder é Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco.

isto mesmo se estuda a ontogênese da consciência moral e se sente a necessidade da conscientização, da socialização e da politização do homem. A ética de um povo não se elabora em gabinetes. Ela é o resultado da convivência dos homens entre si, da experiência e do exercício da racionalidade. A eticidade é um conjunto de valores, portanto de posturas de convivência, que as comunidades, ou os povos, consideram como dignos de estima no seu interrelacionamento. A eticidade se constitui a partir de uma intersubjetividade em relação a estes valores.

Os pressupostos éticos não fluem imediatamente da razão, mas se manifestam culturalmente, na medida em que estas culturas exercitam a razão prática. Por isto, quem se fecha com suas categorias racionais em um grupo de vida restrito, ou nas categorias de uma classe social, assumirá atitudes éticas apenas em função deste grupo ou desta classe. A eticidade universalística é um ideal que a filosofia propõe e persegue, porque acredita na participação de todos os homens no logos universal. Neste sentido, às vezes, a ética é definida teoricamente como a “casa da racionalidade”. Eu prefiro dizer que o ethos é a “casa onde nos sentimos bem”. Não é preciso demonstrar a necessidade da ética. Ela é um dado primário. Os homens, em qualquer situação, sentem a necessidade de assumir atitudes de vida para se sentirem bem no interrelacionamento com aqueles com os quais compartilham a sua vida. Dali surge a eticidade, que exige uma certa constância no comportamento. Esta constância se adquire através de uma ascese de vida, que transforma os hábitos em virtude. A eticidade, assim, se demonstra

não como um dado biológico, mas como um dado cultural. Por isto, em relação àqueles que consideramos estranhos, normalmente, não se age com categorias éticas de amizade, confiança, honestidade, etc... A eticidade pressupõe uma aproximação dos homens entre si: aproximação ideológica, política, cultural, econômica, religiosa, étnica... Esta aproximação, quando assumida, produz solidariedade e fraternidade, que, por sua vez, levam a objetivos e aspirações comuns. E somente lá onde se criam estruturas de aproximação dos homens entre si, a eticidade se afirma. Onde os homens permanecem estranhos entre si predominarão os preconceitos, as fraudes e os desmandos éticos em todos os sentidos. Em tal contexto não existirão os pressupostos para uma verdadeira eticidade.

1. O distanciamento dos homens na América Latina e as dificuldades de uma ética latino-americana

Diante do exposto acima, podemos nos perguntar por que a ética na América Latina sempre se mostrou tão precária. A partir da tese de que a ética se constitui a partir da aproximação dos homens entre si, vejamos a situação dos homens neste continente. Vou argumentar a partir de uma constatação muito concreta. Há algum tempo organizei um seminário sobre a realidade social da América Latina. Mas, antes de entrar na problemática propriamente dita, constatei a necessidade de transmitir informações básicas de geografia, história, política, economia e demografia latino-americanas, pois

vários participantes deste seminário não se lembravam nem do nome, nem das fronteiras de grande parte dos países latino-americanos, muito menos de outros detalhes sócio-culturais. Por isto, emitir conceitos de valor sobre a América Latina inclui o risco de estarmos avaliando algo que não conhecemos suficientemente. Desta forma, julgo, a primeira deficiência para uma eticidade latino-americana se constitui, justamente, na falta de consciência latino-americana. Isto tanto nas camadas populares como nas elites. Especialmente, nós, brasileiros, estamos de costas para a América Latina. Praticamente nos voltamos para os Estados Unidos e a Europa. É para lá que se dirige a maioria dos nossos aviões e navios, e é de lá que esperamos a verdadeira sabedoria. A integração e o intercâmbio latino-americano, em todos os níveis, ainda é muito frágil. Por isto mesmo não possuímos uma consciência latino-americana. Não temos uma identidade certa, pois até o direito de nos denominarmos de "americanos" nos tiraram. Este conceito está reservado para os cidadãos dos Estados Unidos.

Embora a América Latina esteja significativamente fragmentada na área política e cultural, e esta fragmentação tenda a crescer no decorrer da história, podemos falar de uma certa unidade latino-americana. Esta unidade se deve à história comum que determinou profundamente todas as áreas da vida latino-americana: a colonização. Um colonialismo que, tragicamente, interfere em todos os níveis de nossa vida. Mesmo assim, podemos hoje ainda falar de uma unidade da América Latina, pois todas as nações deste continente se encontram no mesmo

barco do Terceiro Mundo. Vivemos sob o signo do subdesenvolvimento, da periferia do sistema capitalista, da dependência, do autoritarismo, da marginalização, da impunidade, da injustiça, da violência, das drogas, do analfabetismo, da dívida externa e duma crescente norte-americanização. O que nos reduz praticamente a novas colônias, numa versão modernizada. A unidade latino-americana ainda aparece quando se constata que, em praticamente todos os países deste continente, predomina um biclassismo social vexatório. O que vivemos de forma drástica no Brasil.

A nossa sociedade está dividida em duas classes, separadas por um fosso aparentemente intransponível. De um lado do fosso estão aqueles que podem usufruir de todas as conquistas da vida moderna. Para esta classe tanto faz que sejamos latino-americanos, europeus ou norte-americanos. Não possui consciência comunitária, nem uma antropologia da dignidade essencial do ser humano. É uma classe individualista, elitária, estranha aos problemas dos concidadãos. E, por isto mesmo, sem princípios éticos humanitários; geralmente corrupta e imoral.

Frente a esta classe, a outra, do outro lado do fosso, não tem chances. Os seus membros são expoliados, suspeitos de baderneiros, de ignorantes e de gente que não presta. Não importa que comam "o pão que o diabo amassou".

Não quero aqui parecer maniqueísta, afirmando que todo mal esteja do lado da classe A, e que todo bem esteja do lado da classe C ou D. Estou apenas tentando assinalar uma situação histórico-político-social, a partir da

qual se poderá tentar fazer uma leitura da eticidade latino-americana e, especificamente, brasileira.

Historicamente o colonizador veio ao Brasil como conquistador. O “penso, logo existo” de Descartes foi transformado pelo português em “conquisto, logo existo”. O espírito que trazia os colonizadores para cá não era a vontade de negociar e intercambiar com povos amigos, ou estabelecer-se aqui como em uma nova pátria. Fundamentavam a sua relação com o aborígine na diferença, na distância. Europeus e ameríndios se relacionavam como estranhos uns aos outros. E nesta situação de estranhos não podiam nascer condições para uma convivência ética. Pois o homem, como estranho, não age eticamente. Esta é a minha tese básica a partir da qual tento fazer a leitura da eticidade dos povos e dos grupos humanos. O relacionamento ético apenas surge quando homens se assumem como amigos, irmãos, parceiros e se propõem objetivos associativos comuns. Fora disto não existe ética. Por isto encontramos ética apenas lá onde se faz um trabalho comunitário de aproximação das pessoas, rompendo com as barreiras que motivam o distanciamento entre os homens. Em todos os níveis em que estas barreiras permanecerem intransponíveis, ou não se fizer o esforço de superá-las, não se criam condições para uma vida baseada em princípios éticos. Tais barreiras podem ser culturais, sociais, econômicas, religiosas, políticas, ou simplesmente ideológicas.

Os homens, enquanto estranhos entre si, não são éticos. A partir deste princípio se constata que a colonização não podia oferecer um substrato ético para

nosso país. Nem o neocolonialismo da atualidade proporciona bases para uma estrutura ética. Os colonizadores, e hoje os neocolonizadores, vieram e vêm para cá não para firmar alianças de igual para igual, ou construir uma nova sociedade, mas para conquistar e para explorar. Muitas vezes eram enviados para cá marginais que, é de supor, não possuíam muito senso comunitário. E será que os “neocolonizadores” de hoje sempre são empresários de ética ilibada?

O distanciamento entre os donos de escravos e os escravos, entre a Casa Grande e a Senzala, revela que no sistema de escravidão não há chão para uma postura ética. Escravos e donos de escravos, em diversos níveis, permaneciam estranhos entre si. Por isto o seu relacionamento não se baseava em princípios éticos. Os donos de escravos torturavam e oprimiam os escravos, e os escravos, por sua vez, tentavam fugir e burlar os seus donos. O que era lógico. Isto não significa que não houvesse escravos que, após manipulação, não defendessem seus donos ou se tornassem torturadores dos próprios escravos. Assim como hoje há casos de policiais que moram na favela, mas defendem os ricos e amedrontam os favelados. Também não quero aqui ser entendido que defendo a idéia de que a eticidade, ou a falta de eticidade, se restringe ao esquema da luta de classes. No meu entender, a luta de classes é insuficiente para explicar a situação ética de um povo. Pois não é difícil constatar desvios éticos entre indivíduos da mesma classe. Em tempos passados dizia-se que “pobre não rouba pobre”. Quem hoje conhece um pouco do nosso mundo de

miséria sabe perfeitamente que isto não é verdade. Por outro lado, o rico não explora apenas o pobre, mas há uma roubalheira generalizada também entre os ricos.

O que de fato impede ou deteriora a ética de um povo é muito mais do que a simples luta de classes. Embora neste contexto se verifiquem as mais abomináveis explorações do homem pelo homem. A falta de ética ocorre em todo distanciamento das pessoas entre si. Distanciamento que poderá ser por motivos políticos, culturais, sociais, econômicos, religiosos, raciais, etc... Todos estes distanciamentos terão como base uma compreensão ideológica inadequada. E, enquanto houver indivíduos ou grupos que se fecham ideologicamente, eles serão estranhos àqueles que não seguem a mesma ideologia. E, enquanto perdurar esta situação, os pressupostos para um relacionamento ético não existirão. Este esquema poderá ser quebrado através do diálogo entre as partes e a vontade de rompimento das barreiras que afastam as pessoas entre si. O que se apregoava, por exemplo, no tempo das ditaduras militares no Brasil? Que todos, inclusive os melhores amigos, deveriam ser tidos como suspeitos, pois poderiam ser subversivos. E assim se incentivava a deduração. Em tal ambiente todos se tornam estranhos entre si, e como consequência acontece o descabro ético. O que de fato aconteceu então.

Por que os portugueses, no tempo da colonização, apregoavam que “abaixo do Equador não existia pecado”? Porque vinham para cá como estranhos, sem compromisso comunitário. Por isto roubavam as mulheres dos indígenas, massacravam os homens ou os

reduziam à escravidão. Acasalavam-se sem compromisso de comunhão de vida. O relacionamento não era de pessoa para pessoa, mas de dominador para dominado.

Na época atual do neo-colonialismo existem muitos grupos no Brasil, e na América Latina como um todo, “prostituindo” nossa sociedade, comprando os corpos, ou melhor, a força de trabalho dos habitantes daqui, por um preço vil. Dali os salários aviltantes dos trabalhadores brasileiros. Entre estes grupos encontramos grande parte das multinacionais, que vêm para cá, não para contribuir no bem-estar das nossas populações, mas porque aqui a mão-de-obra é mais barata do que nos países de origem. São, portanto, estranhos no nosso meio que querem lucrar o máximo. Praticam, assim, a rapinagem e a exploração, e procurarão sempre pagar o mínimo aos operários, burlar ao máximo o fisco, subfaturar os produtos de exportação e remeter o máximo de dólares ao exterior, e preferivelmente de forma ilegal. Esta, certamente, é uma presença imoral entre nós.

Mas não devemos ser ingênuos atribuindo todo o mal econômico do Brasil e da América Latina à presença das multinacionais em nosso continente. A imoralidade está na forma como grande parte delas se encontra entre nós: sem um compromisso comunitário efetivo. Eu não sou xenófobo. Nem sou contra a presença de estrangeiros, nem de multinacionais no Brasil. Mas é preciso que se saiba que todo estrangeiro que vem para cá com a intenção de permanecer estranho à nossa realidade, logicamente não pautará seu comportamento em princípios éticos. Além disto, é preciso que fique claro que a deficiência ética no

Brasil e na América Latina nem sempre tem por causa o capitalismo internacional e as multinacionais. Certamente há situações vexatórias advindas das atitudes do capitalismo central em relação ao nosso capitalismo periférico e subdesenvolvido. Por exemplo, eu acho vergonhoso que os preços das nossas matérias primas, do nosso café, do nosso açúcar, da nossa soja, etc... sejam fixados em Chicago, Washington, Londres, Paris, Tóquio ou Frankfurt. Será que eles lá consideram qual deveria ser o preço justo destes produtos para que nós pudéssemos ter uma vida digna, ou os critérios deles são outros?

Mas, como disse antes, não devemos ser ingênuos na análise da precariedade ética na América Latina e no Brasil. Basta ler livros como "Argentina nunca más", "Brasil nunca mais" para descobrir que nem todas as arbitrariedades, torturas e corrupções provêm diretamente do capitalismo internacional. Aqui mesmo, entre nós, está a origem de muitas falcatruas éticas: imoralidade pública, desfalques na Previdência, escândalos financeiros, concorrências fraudulentas, Câmara e Senado vazios, Esquema PC, CPI do orçamento, mordomias, privilégios desumanizantes, impunidade aos crimes do "colarinho branco", disparidade vergonhosa na distribuição da renda, sonegação de impostos, comissões para firmar contratos lesivos aos interesses do país, falta de respeito aos direitos trabalhistas, analfabetismo por falta de verbas para a educação, corrupção na polícia e na política, especulação financeira desabusada, aumentos abusivos de preços, etc. Para diminuir esta desonestidade é preciso vontade e projeto político. Pois a causa disto, e os

remédios também, parecem estar dentro das nossas fronteiras. Nós brasileiros somos estranhos a nós mesmos, falta-nos a consciência de brasilidade e de comunidade nacional. Tudo indica que ainda não superamos a consciência de conquistadores e de exploradores. E muitos ainda alimentam uma auto-consciência de donos de escravos. E estes se consideram não-povo, enquanto consideram o povão formado por sub-homens, gente que não presta. E, por isto, passível de todo tipo de exploração e vexame. E há também aqueles que ainda possuem a consciência de escravos, abaixando a cabeça diante de qualquer engravatado, confessando que nada sabem, enquanto o "Dr." tudo sabe. Nesta situação de consciência infra-humana e de situação econômica de miséria não existem as condições humanas mínimas para avaliar eticamente o comportamento das pessoas.

Julgo necessária uma revolução ética na América Latina e, especialmente, no Brasil. Em nível de América Latina isto significaria a integração latino-americana, como defesa contra aqueles que vêm para cá, permanecendo estranhos entre nós e, por isto, agindo imoralmente. Para melhorar a orientação ética de um povo é necessário articular conceitos como comunidade, solidariedade, fraternidade, conhecimento mútuo. Seja na relação entre os povos, como no próprio país. Não basta fazer campanhas e mais campanhas, como "Dia D da Educação", "Criança Feliz", "Contra a Violência", "Pela Ética", "Contra a Fome e a Miséria", "Adote um animal", ou qualquer coisa destas. É preciso criar intersubjetividade, romper barreiras e diminuir fossos que

separam os homens. E isto em todos os níveis: culturais, sociais, econômicos, etc. Só assim haverá posturas éticas mais próprias para a convivência.

Muitos empresários, e o capitalismo em geral, são de opinião que as greves não deveriam existir, pois prejudicam demais. Estou convencido de que não adianta desejar que as greves diminuam, enquanto não houver a participação efetiva dos trabalhadores nos lucros e na administração das empresas onde trabalham. Pois, do contrário, patrões e operários sempre se considerarão estranhos entre si. E, de acordo com minha constatação, enquanto os homens permanecerem estranhos entre si, o seu relacionamento não se pautará segundo princípios éticos.

Na política apenas haverá ética, quando ela realmente for a administração da coisa pública, e não o jogo de interesses particulares. Já Platão propunha que o político, enquanto encarregado das coisas públicas, não deveria ter nada em seu nome, do contrário confundiria os interesses públicos com os particulares. Se aceitamos este princípio de Platão, explica-se muito bem a fama de desmandos éticos dos nossos homens públicos, pois a maioria não parece ser tão desprovida de bens particulares!

Outro exemplo de imoralidade por causa da estranheza e do desencontro: considero grande parte do turismo estrangeiro no Brasil como imoral. De fato, a maioria dos turistas estrangeiros trazidos para cá pela propaganda turística, vem para o Brasil não para comungar conosco a nossa vida. Permanecem totalmente estranhos à grande parte do povo brasileiro. Não pelo fato de serem

estrangeiros, mas porque aqui vêm viver uma vida que nós não vivemos. São hospedados em hotéis em que a maioria do povo brasileiro não tem condições de se hospedar; a comida que comem não é a comida do povo; viajam pelo Brasil todo com mordomias não desfrutáveis pelos próprios brasileiros. Assim, se cria uma situação de estranhos para estranhos. E grande parte dos turistas estrangeiros, entre nós, não prima por atitudes éticas, enquanto aqui permanece. E muitos brasileiros se julgam legitimados em assaltar, explorar e enganar estes turistas. Não é de estranhar que se tenha que montar um sistema repressivo especial para proteger as áreas de hotéis que hospedam turistas estrangeiros no Brasil. Bem diferente seria um verdadeiro turismo. Um turismo ético. Para um país com turismo ético o turista vai a fim de compartilhar a vida do povo. Come a comida do povo e compartilha a cultura do povo. E assim pode ter as garantias fundamentais de que não será assaltado ou explorado. Em contraposição a isto a propaganda turística do Brasil no exterior, muitas vezes, sugere aos adventícios, principalmente para o Carnaval, que aqui temos prostituição e homossexualismo à vontade. E órgãos oficiais, juntamente com certos meios de comunicação, através de pretensas campanhas de prevenção, induzem a população a transar à vontade, inclusive importando "camisinhas" de multinacionais e distribuindo-as generosamente à população, para poder "brincar" sem receio. É o vergonhoso turismo sexual, que até envergonha os países de origem dos turistas. E quando o turista tiver ido embora ficam a aids e os filhos bastardos. E os dólares

deste turismo, em vez de favorecerem o povo brasileiro, prejudicam-no de múltiplas formas, e terão que ser gastos com os doentes de aids, muitas vezes vítimas inocentes contaminadas por transfusão de sangue. Quando o turismo é de estranhos para estranhos ele terá embutido em seu bojo a imoralidade.

Conclusão

Ainda muitos exemplos poderiam ser aqui arrolados para demonstrar que a eticidade de um povo, ou de um continente, depende da aproximação das pessoas entre si e da superação dos fossos que causam as rupturas nas sociedades, seja pelas disparidades econômicas, sociais ou culturais. É a partir destas rupturas que, a meu ver, se deve ler a crise ética da América Latina e do Brasil em especial. É preciso que todos os que buscam a humanização deste continente se convençam de que a única saída para a dignidade dos homens que aqui querem viver será conseguir, dos que aqui se instalaram e se instalam, o compromisso comunitário. Somente se aqueles que aqui vivem, tiverem uma consciência e uma praxis de responsabilidade comunitária, poderemos ter a esperança de uma convivência ética.

Este gigantesco trabalho de reconciliação, de aproximação dos homens entre si terá que contar com a participação das estruturas políticas, descentralizadas, pois a superação da distância dos homens entre si começará pelas pequenas comunidades, os municípios, depois os Estados e, por fim, a nível do Governo central. Esta é, a

meu ver, a única saída para um encaminhamento ético adequado e uma superação da crise ética. Na América Latina a filosofia da libertação promete dar uma valiosa contribuição na construção de uma ética de libertação para o nosso continente.

Referências Bibliográficas

DUSSEL, Enrique D. – *Filosofia da Libertação*. São Paulo, Loyola, s. d.

————— – *Para uma ética da libertação latino-americana*. São Paulo, Loyola, 1977, v. 2.

GALEANO, Eduardo – *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

VÁRIOS – *A hora da ética libertadora*. São Paulo, Paulinas, 1985.